
TRADUÇÃO DE HUMOR: LIMITES E POSSIBILIDADES

Bianca Rodrigues Bold Queiroz*
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

Este artigo objetiva analisar o gênero piada, seu funcionamento e as dificuldades que podem surgir no processo tradutório. Serviram de base para esta reflexão estudos tradutológicos em geral, mais especificamente aqueles voltados para questões lingüístico-culturais, bem como estudos recentes sobre a tradução de humor. Analisamos doze piadas brasileiras que, à primeira vista, pareceram “intraduzíveis”. Quando possível, propusemos uma tradução para o inglês, respeitando as diferenças entre as línguas/culturas e buscando a equivalência de resposta: o riso.

Palavras-chave: equivalência, humor, tradução.

Abstract

This article aims to analyze jokes, how they work as a text, and the difficulties that may arise in the translation process. Our work was based on translation studies as a whole, especially those focusing on linguistic and cultural issues, as well as recent studies on the translation of humor. We analyzed twelve Brazilian jokes which seemed “untranslatable” on first sight. A translation into English was proposed wherever possible, respecting the differences between the language cultures, and pursuing equivalence of response: laughter.

Key-words: equivalence, humor, translation.

I. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo observar dificuldades com as quais o tradutor se depara na tradução de humor, mais especificamente, do gênero piada. A fim de investigar até que ponto as piadas podem ser traduzidas ou adaptadas para outras línguas, primeiramente realizou-se um estudo sobre como os textos desse gênero funcionam, do ponto de vista lingüístico-cultural. Em outras palavras, investigamos quais são os mecanismos, ou gatilhos, que fazem com que as piadas provoquem no interlocutor o efeito esperado: diversão e riso. Em seguida, discorreremos um pouco sobre a fundamentação teórica que servem de base para este artigo: princípios tradutológicos em seu sentido mais amplo, especialmente os que lidam com aspectos lingüístico-culturais, além de estudos voltados especificamente para a tradução de humor. Coletamos, então, o *corpus*, que consta de um total de 12 anedotas. O critério adotado para a seleção do *corpus* foi coletar piadas que, pelo menos à primeira vista, chamam a atenção de brasileiros por serem intimamente ligadas à nossa cultura ou à língua portuguesa e, desse modo, apresentariam maiores dificuldades no ato tradutório. Em seguida, identificamos os mecanismos usados na obtenção do efeito humorístico. Notou-se que, diversas vezes, ocorre o emprego de mais de um mecanismo numa única piada. Apresentamos, por fim, propostas de possibilidades de tradução/adaptação, quando possível, dos textos para a língua inglesa,

* Bianca é tradutora e Bacharel em Letras/Língua Inglesa-Ênfase Tradutor pela Universidade Federal de Pernambuco. Desenvolveu este trabalho na disciplina Língua Portuguesa 9A, sob a orientação da Professora Ana Lima, no primeiro semestre letivo de 2006.

fundamentando-nos sobre os princípios tradutológicos explanados no tópico a seguir, bem como sobre as características próprias do gênero textual em questão.

II. Tradução de humor: aspectos gerais

Um ponto gerador de polêmicas e contradições é a eterna tentativa de encontrar o verdadeiro responsável pela criação do sentido na tríade autor-texto-leitor. Segundo Possenti (1990), ao longo dessas tentativas, cometeu-se o equívoco de considerar responsável pelo sentido do texto apenas o autor, ou o texto, ou o leitor, em separado. Em outras palavras, pode-se dizer que nem o autor, nem o texto, nem o leitor têm autonomia suficiente para, por si, controlar o sentido e a interpretação do texto. Portanto, concluímos que esses três elementos são interdependentes e complementares, pois, na verdade, há uma co-autoria e interação no processo de construção do sentido.

Considerando o leitor como uma ferramenta essencial na atividade de produção do sentido, é imprescindível levar em conta que cada leitor é único. Cada indivíduo vive em diferentes meios, tem sua bagagem cultural, sua carga de conhecimentos prévios, possui áreas de interesses distintos, entre outros aspectos. Esses elementos, sem dúvida, influenciam na sua visão de mundo e, conseqüentemente, na sua leitura/compreensão de textos. A título de ilustração, vale ressaltar as diferenças existentes dentro de uma cultura e como indivíduos de diferentes classes sociais, idade, sexo, dentre outros aspectos, podem responder de maneira divergente a uma dada anedota. Um idoso pode não ver a mínima graça numa piada direcionada a jovens. Uma mulher pode rir ou ficar indignada diante de uma piada machista. Se dentro dos limites territoriais de uma língua já existe a possibilidade de respostas diversas, essa variante é ainda maior quando se ultrapassam as barreiras lingüístico-culturais.

Sabe-se que um dos objetivos das piadas é provocar o riso. Cabe, pois, ao leitor/ouvinte compreender e interpretar o texto e os mecanismos nele utilizados, para que perceba o efeito humorístico. Do contrário, a reação desejada (o riso) não será alcançada. Outro aspecto pertinente à tradução de humor é o fato de o tradutor ser, ele próprio, um leitor. Segundo Leibold (*apud* ROSAS, 2002), cabe a ele decodificar de forma precisa todo o discurso humorístico em seu contexto original para, só então, transferi-lo ao novo ambiente lingüístico-cultural. A menos que o tradutor seja inteiramente bilíngüe e bicultural, poderá apresentar dificuldade em alguma parte desse percurso, seja na compreensão do que não pertence ao seu contexto, seja na recriação bem-sucedida da mensagem direcionada a um público pertencente a uma cultura estrangeira.

Vale ressaltar que, na criação do humor, é possível haver concomitância entre mais de um mecanismo que gera o efeito humorístico. Um ponto em comum entre esses gatilhos é o fato de apresentarem quase sempre ambigüidade, que pode ser provocada por aspectos fonológicos, morfológicos, semânticos, entre outros. O ouvinte se depara sempre com duas opções de interpretação totalmente opostas: uma denotativa, que não provoca graça, e uma conotativa, que alude a situações inesperadas e engraçadas. A ambigüidade é descrita por Landheer (*apud* VINAY, 1991) como um “desafio tradutológico”, pois, apesar de se tratar de uma característica comum a todas as línguas, uma palavra polissêmica num dado idioma não necessariamente o será num outro.

A finalidade da piada tem sido a mesma nas diversas culturas: causar graça. Sendo assim, podemos ser levados a concluir que o gênero é universal. No entanto, uma vez que todo e qualquer texto é permeado de traços culturais da comunidade onde está inserido, não seria diferente com textos desse gênero. O fato de um texto ser intimamente ligado ao contexto lingüístico-cultural dificulta o processo tradutório, pois quanto mais depender desse contexto na língua-fonte, menos facilmente transferível será para outra língua-cultura. Dessa forma, nem sempre é possível manter o efeito desejado na tradução de

textos humorísticos, como veremos em vários casos. Já em outros, percebemos que a situação pode ser adaptada a fim de alcançar um efeito similar.

A busca do efeito equivalente no campo da tradução não se restringe apenas a esse gênero. Há décadas, estudos se concentram em defender o que uns chamam de “tradução de equivalência dinâmica” (NIDA, 1964), ao passo que outros se referem à “translação”

(REISS e VERMEER, *apud* ROSAS, 2002), e há ainda quem a denomine “tradução funcional” (ROSAS, 2002). No fundo, o princípio é o mesmo: a busca da equivalência de resposta prevalece sobre a equivalência formal. Esse tipo de tradução fundamenta-se no “princípio do efeito equivalente” (RIEU e PHILLIPS, *apud* NIDA, 1964). Sua maior preocupação é com a relação dinâmica estabelecida entre o receptor e a mensagem, de modo que essa relação seja similar entre mensagem-fonte/receptor na língua-cultura de partida e a mensagem-alvo/receptor na língua-cultura de chegada. Para Knox (*apud* NIDA, 1964), uma tradução deve ser lida com o mesmo interesse e prazer que a leitura do original terá supostamente proporcionado.

Segundo Nida (1964), para produzir no receptor final uma resposta similar àquela dos receptores originais é necessária uma tradução fluida e natural. Esta deve se ajustar a basicamente três áreas do processo comunicativo: à língua-cultura receptora como um todo; ao contexto da mensagem; e ao interlocutor falante da língua receptora. Portanto, uma expressão-chave é “naturalidade de expressão”.

Quando uma tradução consegue corresponder às quatro exigências básicas, a saber: fazer sentido; expressar o espírito e o modo do texto-fonte; apresentar forma de expressão natural e fácil; e produzir uma resposta similar no interlocutor, torna-se óbvio que conflitos entre conteúdo e forma surgem em algum momento e que o tradutor se vê obrigado a optar pela prevalência de um dos dois.

No caso de piadas, e de textos com intenções humorísticas em geral, não há dúvida de que a forma não goza da mesma importância que o conteúdo. Entretanto, até mesmo o conteúdo fica em segundo plano, pois o primordial mesmo é o efeito que o texto causa no receptor final. Uma piada que não provoca riso não é bem-sucedida e, da mesma forma, uma anedota traduzida que não desperte divertimento no interlocutor não atinge seu objetivo principal. A fim de que seja alcançada a equivalência de resposta, muitas vezes é necessária uma recriação, tanto na forma como no conteúdo do texto humorístico. Tendo esses princípios sempre em mente, examinamos os aspectos lingüísticos do *corpus* para apresentarmos possíveis traduções.

III. Análise do *corpus*

Procuramos selecionar para a análise piadas com os mais diversos mecanismos lingüísticos. Sempre que possível, sugerimos uma possibilidade de adaptação para que o texto funcione na língua inglesa. No entanto, isso não significa que os textos que não traduzimos aqui sejam definitivamente “intraduzíveis”. Decerto, há limitações na tradução de humor, mas cada tradutor é único e nada impede que outro profissional consiga recriar o efeito humorístico. Da mesma forma, as adaptações que seguem são meros exemplos, e não a única solução.

1. - O que o passarinho disse pra passarinha?
- Ei, gata! Quer danoninho?

Há, no exemplo 1, um jogo de palavras semelhantes no plano fonético, mas diferentes no plano semântico, o que provoca um equívoco jocoso: o trocadilho. Nessa piada, a palavra “danoninho” (produto da empresa *Danone*) pode ser perfeitamente entendida como a frase: dá (flexão do verbo “dar”) no ninho (dos pássaros). Pelo fato de o

“danoninho” se tratar de um produto tipicamente brasileiro e de causar uma ambigüidade fonética com uma frase existente apenas no português (“dá no ninho”), essa piada não seria facilmente traduzida para outro idioma.

2. - Qual o vinho que não contém álcool?
- Ovinho de codorna.

Também aqui há um jogo com os sons da língua portuguesa. O sintagma “o vinho” e o substantivo “ovinho” (diminutivo de “ovo”) são homófonos. Portanto, cabe a nós, falantes do português, distingui-los conforme o contexto em que são utilizados. A quebra de expectativa é a causa do humor, pois dificilmente iríamos identificar “ovo de codorna” com a bebida alcoólica chamada “vinho”. Mais uma vez, temos uma anedota praticamente intraduzível, pois não seria fácil achar tal equivalência fonética em outra língua para manter esse jogo fonológico.

Percebe-se, pois, que piadas que apelam para recursos fonológicos são praticamente intraduzíveis, uma vez que dependem de fatores puramente lingüísticos, como homografias ou homofonias inerentes a uma língua e que raramente possuem equivalência em outras.

3. - O que o tomate foi fazer no banco?
- Tirar extrato.

O gatilho da piada 3 reside no plano semântico. A polissemia da palavra “extrato” é a fonte geradora do humor, pois o seu duplo sentido surpreende o interlocutor: “extrato de tomate” e “extrato bancário”. Trata-se de um texto de difícil tradução, pois não seria nada fácil encontrar uma língua na qual essa ambigüidade também ocorra.

4. Um canibal estava sofrendo de fortes dores no estômago e resolveu procurar o curandeiro de sua tribo. Após examiná-lo durante algum tempo, o curandeiro sentenciou:
- Você vai ter que fazer um regime!
- Regime? - espanta-se o canibal - Que tipo de regime?
- Durante os próximos 14 dias, você só poderá comer carne branca.
- Peixe e frango?
- Não. Alemão, sueco, holandês...

- 4.T. A cannibal was suffering from a terrible stomachache and decided to see the local healer. Having examined the cannibal, the healer said:
“You need to go on a diet!”
“On a diet?” he asked, surprised “What kind of diet?”
“For the next 14 days, you can only eat white meat.”
“Fish and poultry?”
“No. Germans, Swedes, Dutchmen...”

A graça da piada 4 surge da inesperada equivalência entre “carne branca” (comida, como peixe e frango) e “gente branca”. No imaginário comum, tal equivalência inexistente. Porém, dado que o protagonista é um canibal, a expressão “carne branca” passa a ser associada também aos povos de pele clara. Da mesma forma, em inglês existe a expressão “white meat” e também é possível se referir a pessoas com o adjetivo “white”. Portanto, é conservado o duplo sentido que provoca toda a graça. É provável que essa anedota seja

perfeitamente traduzida para outros idiomas, desde que haja uma equivalência na polissemia. No entanto, pode haver línguas que não admitam tal analogia.

5. - Não deixe sua cadela entrar na minha casa de novo. Ela está cheia de pulgas!
- Princesa, não entre nessa casa de novo. Ela está cheia de pulgas!

5.T. “Keep the dog out of my house. It's full of fleas!”
“Princess, keep out of the house. It's full of fleas!”

Na piada 5 o pronome anafórico “ela” tem a sua referência determinada tão somente pelo contexto. Essa indeterminação inerente aos pronomes os torna um excelente ingrediente na produção de humor, pois são elementos que muito facilmente causam ambigüidade. Nesse texto, o pronome “ela” apresenta duas possíveis referências: tanto “cadela” como “casa”. Cabe ao leitor buscar o referente mais lógico e, nesse contexto, seria “casa”. O desentendimento entre os personagens surge porque um deles elege o referente menos provável e menos esperado. Em inglês, só é possível manter o efeito cômico porque o pronome “it” também possui mais de um referente. Enquanto que em português a piada só funciona se o feminino “cadela” for usado, em inglês não importaria se o animal fosse macho ou fêmea, pois o “it” seria usado em ambos os casos.

6. - Qual a diferença entre o avião, o doido e o Senna?
- O avião é TAM, o doido é TAM TAM e o Senna é TAM TAM TAM.

O conhecimento prévio é imprescindível para a compreensão da piada 6 como um todo. Só acha graça nesse texto quem conhece a empresa de linhas aéreas chamada “Tam”, quem já ouviu a expressão “tam-tam” para designar uma pessoa desajuizada, e quem lembra da melodia da música tocada nas vitórias do piloto Ayrton Senna. Toda essa carga de conhecimentos prévios e o jogo de palavras são praticamente exclusivos da cultura brasileira. Esse fato, por si só, já impossibilitaria uma tradução literal. Muito dificilmente essa piada causaria o semelhante efeito num estrangeiro, mesmo sendo este lusófono. Além disso, seria impraticável reproduzir em outro idioma a estrutura do texto e conseguir manter o significado. Talvez fosse possível uma adaptação no plano formal. Para tanto, seria necessário encontrar um vocábulo, de preferência monossilábico, cujas repetições (1x, 2x e 3x) aludissem a três referentes distintos. Porém, nada garante que a equivalência do efeito seria alcançada.

7. - Como é que o Cebolinha se refere ao sentimento da Magali pela comida?
- Amor platônico.

Quem já leu os quadrinhos de Maurício de Souza sabe que a personagem Magali é comilona e que o Cebolinha troca os “erres” pelos “eles”, ou seja, ele fala “elado” em vez de “errado”. O que o Cebolinha faz é uma adjetivação do substantivo “prato”, seguindo intuitivamente um processo de formação de palavras comum na língua portuguesa: cone/cônico, telefone/telefônico, arquitetura/arquitetônico, etc. O resultado é o adjetivo “pratônico”, que pronunciado pelo Cebolinha, vira homófono de “platônico”. Surge então uma intertextualidade com as teorias de Platão acerca de amores impossíveis. Tudo isso só é possível porque o enunciador (Cebolinha) tem as limitações fonéticas ideais. Para compreender a piada, o ouvinte precisa associar ao termo “platônico” idéias tais como: Magali, comida, prato, Cebolinha, entre outras. Percebe-se, pois, que é imprescindível o conhecimento sobre os personagens de Maurício de Souza para que a piada provoque o

efeito desejado. Isso seria praticamente impossível em outra língua, não apenas por questões lingüísticas, mas, principalmente, pela falta desse conhecimento cultural.

8. Numa tarde de domingo, um político está assistindo a um programa de televisão. Um assessor passa e pergunta:
- Firme?
 - Não, *Sírvio* Santos - responde o político.

Se traduzido literalmente, o exemplo 8 também não faria sentido em outras línguas, por motivos semelhantes aos citados na análise da piada anterior. O gatilho está na utilização de uma variante do português. A variação lingüística empregada aqui não é regional, mas sim social. A expressão “firme?” deveria ter a função de uma saudação,

como: “o senhor está bem?”. O equívoco no diálogo é causado a partir do estereótipo¹ dos políticos brasileiros: pessoas com baixo grau de letramento, muitos dos quais usam variantes não-cultas da língua. Assim, o nosso político-telespectador fala “firme”, em vez de “filme”, da mesma forma que usa “Sírvio”, em vez de “Sílvio”. Cabe ao interlocutor conhecer essa variante para poder depreender o sentido da piada. É praticamente impossível encontrar equivalências entre línguas quando o texto lida com variantes lingüísticas, sejam elas regionais, sociais, ou de outra natureza.

9. - Qual a parte do corpo da mulher que cheira bacalhau?
- O nariz.

- 9.T. “What part of a woman’s body smells?”
“The nose.”

Na piada 9, há uma ambigüidade provocada pela semelhança sonora entre o trecho “que cheira bacalhau” e a expressão “que cheira *a* bacalhau”, pois, no português do Brasil, ao pronunciarmos o verbo terminado em “-a” seguido da preposição “a”, esta praticamente desaparece. A pergunta induz a pessoa a dar numa resposta indecente, pois, à primeira vista, o mais comum seria entender “que cheira *a* bacalhau” como se fosse “que fede a bacalhau”. Como a maioria das piadas, o contexto dá pistas falsas que levam o interlocutor ao equívoco. Na tradução para a língua inglesa foi necessária uma adaptação. Se optássemos pela tradução literal “that smells like cod” (“que cheira *a* bacalhau”), acabaríamos com a ambigüidade. Uma opção seria traduzir a pergunta sem o complemento “cod”, pois o verbo intransitivo “to smell” pode significar tanto “cheirar” (perceber com o olfato), como “feder”. Assim, mantêm-se a ambigüidade e o efeito desejado.

10. Em um navio, estavam um gaúcho, um paulista, um carioca e um baiano discutindo qual era o melhor estado do Brasil. De repente, o gaúcho aparece com um suculento pedaço de churrasco e o atira ao mar! O carioca logo reclama:
- Pô, bacana, tu jogou a comida fora, aí!
 - Na minha terra, guri, isso dá que nem mato! - responde o gaúcho.

¹ Quando falamos em “estereótipos”, designamos um conjunto de idéias preconcebidas sobre determinados locais, nacionalidades, grupos de pessoas, etc. Como se tratam de generalizações, é comum serem idéias inconsistentes e, muitas vezes, preconceituosas. O fato de haver no *corpus* gatilhos que se valem de estereótipos não significa que concordemos com tais generalizações.

Então chega o carioca com uma mulata de dar inveja, todos a comem com os olhos, mas o carioca a joga no mar! O baiano reclama:

- Oxente, meu rei! Como é que tu jogasse essa piriguete fora? Eu ia queixar ela!

- Qualé mermão?! Isso na minha terra dá que nem mato! - responde o carioca.

Nisso o paulista fica olhando, pensando e termina por jogar o baiano ao mar.

10.T. Aboard a ship, there was a Frenchman, a German, a Mexican and an American. They argued about which country was the best in the whole world! Suddenly, the German shows up with some fried sausages in his hands, but throws the food into the sea, so the Frenchman complains:

“Monsieur why did you do this? We’ve been starving!”

The German replies:

“Herr Pierre, we have heaps of it in Frankfurt.”

Then, the Frenchman comes holding a very expensive bottle of champagne and throws it into the sea, the Mexican asks very angrily:

“Caramba, muchacho! Why did you do that?”

The Frenchman says:

“We’ve got loads of it in France.”

So the American thinks for a while, takes a look around, and throws the Mexican into the sea.

Para compreender a piada 10, é necessário que sejam conhecidos estereótipos de diferentes regiões do Brasil. Os estereótipos usados no texto são: (a) os gaúchos se fartam de churrasco; (b) mulata é o que não falta no Rio de Janeiro; (c) o grande número de nordestinos no estado de São Paulo, sobretudo baianos; e (d) a falta de tolerância dos paulistas diante dessa “invasão” de baianos. Essa piada dificilmente funcionaria em outro idioma se traduzida literalmente. Torna-se necessária, mais uma vez, a adaptação. Cabe ao tradutor pesquisar e decidir quais adaptações podem ser usadas a fim de manter o efeito na língua-cultura de chegada. No caso do exemplo 10.T uma solução foi adotar estereótipos mais amplamente conhecidos. Dessa forma, a piada perdeu as restrições culturais brasileiras e tomou novas dimensões. Esse texto possivelmente teria êxito também em outras línguas, sem maiores necessidades de adaptação.

11. - McGyver está sozinho num deserto, só tem uma laranja e um canivete. Como é que ele consegue sair de lá?

- Com o canivete, ele corta a laranja. O que é que tem na laranja? Vitamina.

Joga fora a vita e fica com a mina. Explode a mina e provoca um terremoto.

Joga fora a terra, pega a moto e vai embora.

11.T “McGyver is stranded in the desert. All he has is an oyster and a jackknife. How does he get out of there?”

“First, he uses the jackknife to open the oyster. What’s inside an oyster? A tiny seed pearl. He throws the pearl away and keeps the seed. Then, he plants the seed and waits for the bush to grow. He takes the bush, gets rid of the “h” and catches the bus.”

O conhecimento prévio sobre McGyver, seriado americano popular na década de 80, é essencial para a compreensão do exemplo 11. A principal característica do protagonista é conseguir transformar coisas simples em armas mirabolantes para vencer situações adversas. Contudo, o aspecto que mais nos interessa não é o conhecimento prévio, mas sim o gatilho utilizado: as inusitadas fragmentações de unidades morfológicas. O humor nasce

a partir dessa quebra de expectativa, pois nenhum falante da língua portuguesa utilizaria esse “processo de formação de palavras” em contextos habituais. É aí que McGyver entra em cena, com toda a sua criatividade para surpreender o interlocutor. A tradução para o inglês procurou seguir as linhas gerais do texto-fonte. O personagem não precisou ser modificado, uma vez que pertence à cultura americana. Uma boa folheada em dicionários ajudou na busca por palavras “quebráveis”, para que no final chegássemos a um meio de transporte. O gatilho teve de ser ajustado na última fragmentação: passou do nível do morfema para o do grafema. Apesar de os “instrumentos” de McGyver terem sido substituídos por outros, o importante é que o efeito cômico foi alcançado.

12. - Qual o vento que os cachorros mais temem?
- O furacão.

Assim como na piada anterior, também no exemplo 12 há uma fragmentação inesperada de uma palavra. Nesse caso, o resultado da quebra são duas palavras com sentidos autônomos: “fura” e “cão”. É fácil perceber que uma tradução literal dificilmente faria sentido em outro idioma.

IV. Conclusão

Depois de analisado o *corpus*, concluímos que o gênero piada é, sem dúvida, heterogêneo e rico quanto aos inúmeros mecanismos lingüísticos operantes. Percebemos também como a tradução de tais textos tem que levar em conta vários aspectos para torná-los transculturais e, ainda assim, nem sempre ela é possível. É indiscutível que o conhecimento prévio e o conhecimento de mundo de cada indivíduo interferem no seu processo de compreensão e que cada leitor é único. É perfeitamente possível que falantes do mesmo idioma respondam de maneira diversa a um dado texto humorístico. Dentre os vários fatores que podem ocasionar o fracasso da comunicação, há: ausência de conhecimento compartilhado entre os interlocutores, diferenças sociais, regionais, de idade, entre outros. Se dentro de uma cultura já existe a possibilidade de uma piada falhar, a situação é ainda mais delicada quando se trata de culturas distintas. O tradutor deve, pois, compreender como uma piada funciona numa dada cultura, num dado contexto, e ter bom senso ao traduzir textos desse gênero. Não são raras as vezes em que a piada perde o efeito cômico ao ser traduzida literalmente para outra língua.

Devido às limitações de tempo e de espaço, optamos por restringir a nossa pesquisa à análise de textos do gênero piada e à observação de questões pertinentes ao processo tradutório destes. No entanto, as reflexões aqui levantadas se ajustam a qualquer texto que leve uma pitada de humor. O universo do humor não se restringe ao âmbito da piada. Como afirma Niedzielski (1991), o humor pode ser usado e encontrado numa infinidade de meios: na literatura (como nas farsas medievais, em Cervantes, em Dickens, etc.), em desenhos animados, em filmes (como os de Chaplin, Hitchcock, etc.), em música (como a de Spike Jones). Vinay (1991) acrescenta ainda que a mídia e o mundo dos negócios estão utilizando cada vez mais a ambigüidade e o humor em campanhas publicitárias para chamar a atenção do consumidor. Cabe ao tradutor, portanto, estar preparado para lidar com o humor e com a ambigüidade em qualquer situação que lhe apareça, independentemente do gênero textual.

Referencias

NIDA, Eugene (1964). Principles of Correspondence. In: Lawrence Venuti (org.). *The Translation Studies Reader*. Londres: Routledge, pp. 126-140.

NIEDZIELSKI, Henry (1991). Cultural Transfers in the Translating of Humor. In: Mildred Larson (org.). *Translation: Theory and Practice Tension and Interdependence*. Binghamton: State U of New York, pp. 139-156.

POSSENTI, Sírio (1990). A Leitura Errada Existe. In: *Estudos Lingüísticos; Anais de Seminários do GEL XIX*: 558-564.

_____ (1998). *Os Humores da Língua: Análises Lingüísticas de Piadas*. Campinas: Mercado de Letras.

ROSAS, Marta (2002). *Tradução de Humor - Transcriando Piadas*. Rio de Janeiro: Lucerna.

VINAY, Jean-Paul (1991). Translation in Theory and Practice. In: Mildred Larson (org.). *Translation: Theory and Practice Tension and Interdependence*. Binghamton: State U of New York, pp. 157-171.